

KEN
FOLLETT

O CÍRCULO
DOS DIAS

Tradução de Maria Ferro
e Marta Mendonça

 PRESENÇA

Título: *O Círculo dos Dias*
Título original: *Circle of Days*
Autor: Ken Follett
Copyright © 2025 Ken Follett
Todos os direitos reservados
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2025
Tradução: Marta Mendonça e Maria Ferro
Revisão: Helder Guégués / Grupo Editorial Presença
Ilustração do mapa: Daren Cook
Imagem da capa: Shutterstock
Capa: Vera Espinha / Grupo Editorial Presença
Paginação, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-972-23-7770-6
Depósito legal n.º 552 135/25
1.ª edição, Lisboa, outubro, 2025

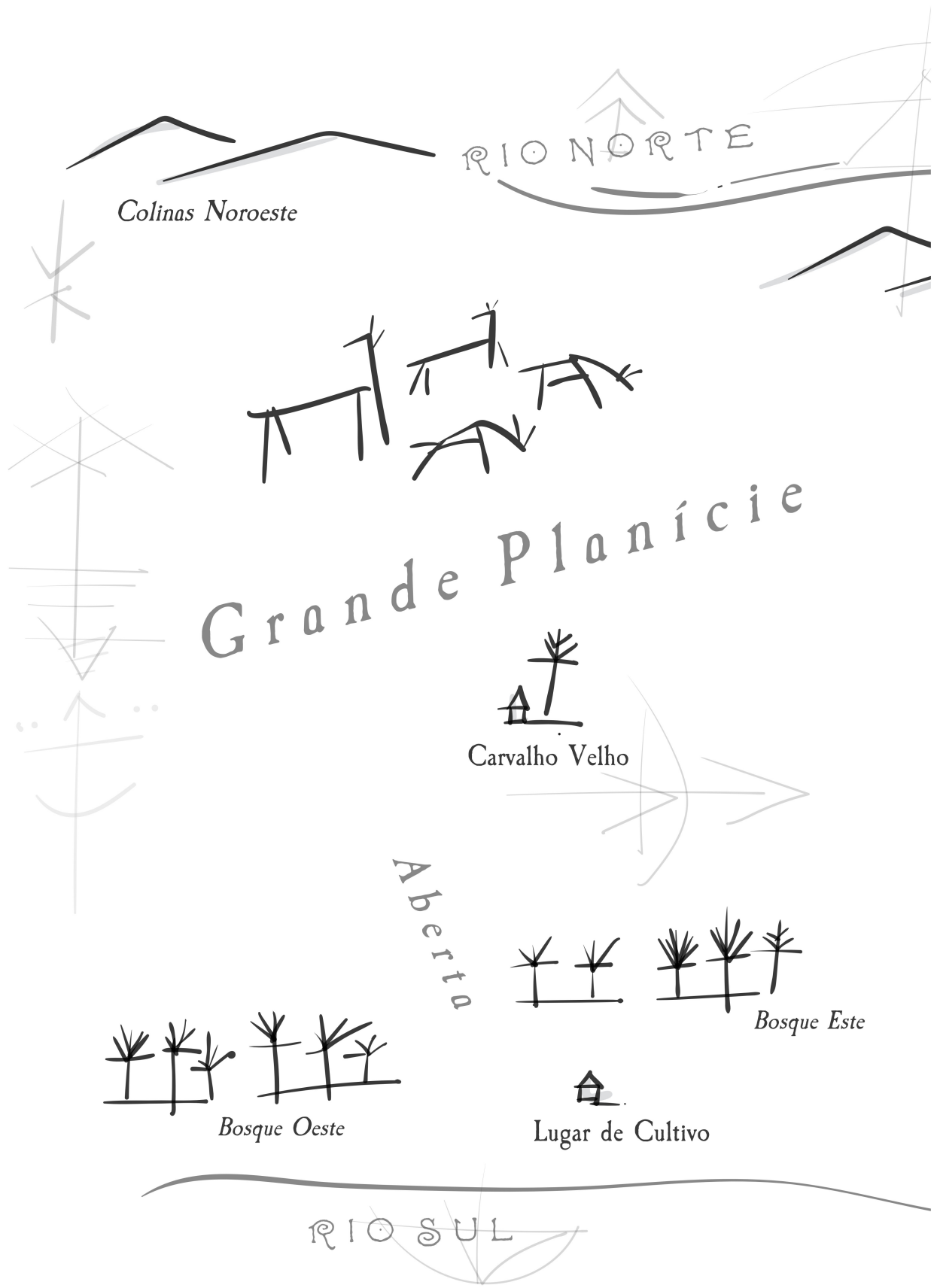
Presença é uma chancela do Grupo Editorial Presença
www.presenca.pt
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Presença, uma chancela do Grupo Editorial Presença



O CÍRCULO DOS DIAS



Colinas Noroeste

RIO NORTE

Grande Planície

Carvalho Velho

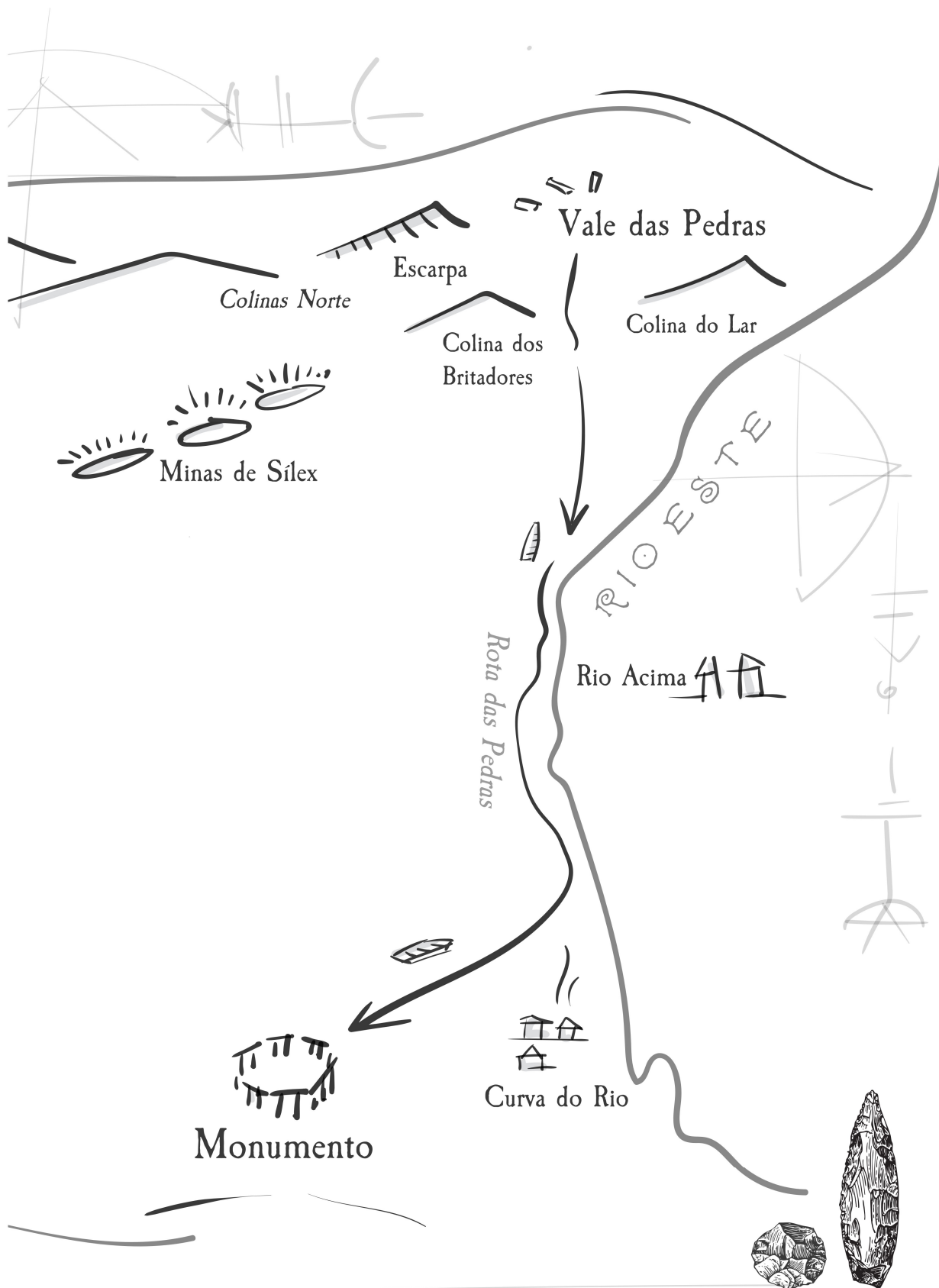
Aberto

Bosque Este

Bosque Oeste

Lugar de Cultivo

RIO SUL



A história começa
por volta do ano 2500
antes da Era Comum



CAPÍTULO 1

Seft atravessava lenta e pesadamente a Grande Planície, carregando às costas um cesto de vime com sílex para trocar na aldeia. Estava com o pai e os dois irmãos mais velhos. Odiava os três.

A planície estendia-se até perder de vista em todas as direções. A vegetação rasteira no tom verde típico do verão encontrava-se sarapintada de ranúnculos amarelos e trevos vermelhos que, na distância, se misturavam numa névoa laranja e verde. Grandes manadas e rebanhos, muitos mais do que ele era capaz de contar, pastavam por ali com grande satisfação. Não havia um caminho marcado, mas eles conheciam o percurso e conseguiam fazer a jornada com tempo de sobra durante um longo dia de verão.

Seft sentia a cabeça quente do sol. A planície era quase toda plana, mas aqui e ali havia ligeiras elevações e depressões que não eram tão ligeiras quando se transportava uma carga pesada. O seu pai, Cog, mantinha o mesmo ritmo de marcha independentemente do género de terreno. «Quanto mais depressa lá chegarmos, mais depressa poderemos descansar», costumava dizer — uma afirmação estupidamente óbvia que irritava Seft. O sílex era a mais dura de todas as pedras e o coração do pai de Seft era feito de sílex. De cabelo grisalho e rosto pardo, não era um homem grande, mas era muito forte e quando os filhos o deixavam descontente castigava-os com punhos de pedra.

Tudo o que tinha uma ponta aguçada era feito de sílex, desde machados a pontas de flecha e instrumentos de corte. Toda a gente precisava de sílex e este podia sempre ser trocado por qualquer coisa que se quisesse, como alimentos, vestes ou gado. Algumas pessoas guardavam-nos, cientes de que teriam sempre valor e nunca se deteriorariam.

Seft estava ansioso para ver Neen. Pensara nela todos os dias desde o Ritual da Primavera. Tinham-se conhecido na sua última noite lá e tinham passado a noite inteira a conversar. Ela fora tão calorosa e simpática que Seft tinha quase a certeza de que gostava dele. Durante as semanas que se seguiram, imaginara frequentemente o rosto dela enquanto labutava no poço. Nesse seu devaneio, ela estava sempre a sorrir e inclinada para a frente para lhe dizer alguma coisa, algo simpático. Ficava linda quando sorria.

Quando se despediram, ela dera-lhe um beijo.

Ele não tinha conhecido muitas raparigas, uma vez que trabalhava o dia inteiro num buraco no chão, mas as que conhecera nunca tinham tido esse efeito nele.

Os seus irmãos tinham-no visto com Neen e tinham calculado que se apaixonara por ela. Agora, no percurso, faziam troça dele com comentários grosseiros.

— É desta que vais enfiar-lhe a tua coisa, Seft? — perguntou Olf, que era grande e ignorante.

E Cam, que copiava sempre Olf, fez uns movimentos bruscos com as ancas, o que levou os dois a rirem-se às gargalhadas, como um par de corvos empoleirado numa árvore. Julgavam-se muito engraçados. Continuaram assim durante algum tempo, mas depressa se lhes esgotaram as provocações. Não eram propriamente imaginativos.

Carregavam os cestos nos braços, aos ombros ou à cabeça, mas Seft tinha engendrado uma maneira de o prender às costas por meio de umas tiras de couro. Era complicado de pôr e de tirar, mas uma vez fixo, era bastante confortável. Os outros tinham-no gozado e chamado fraco, mas ele já estava acostumado a isso. Era o bebé da família, e o mais inteligente, e os outros ressentiam-se por ele ser esperto. O pai nunca intervinha; parecia até gostar de ver os filhos discutir e brigar. Quando Seft era atormentado, Cog dizia-lhe que se fizesse um homem.

Conforme avançavam, o peso do cesto de Seft começou a fazer-se sentir, não obstante a sua invenção. Ao olhar para os outros, pareceu-lhe que não estavam igualmente cansados. O que era estranho, pois era tão forte como eles. No entanto, estava encharcado em suor.

Era meio do dia, a julgar pelo sol, quando Cog anunciou um descanso, pelo que pararam sob um ulmeiro e pousaram os cestos. Beberam com sofreguidão do pequeno recipiente que cada um deles carregava, um pote tapado e preso numa tira de couro. A Grande Planície era delimitada por rios a norte,

a este e a sul, mas ao longo de toda a sua extensão havia alguns ribeiros ou lagos, muitos dos quais secavam no verão; por essa razão, os viajantes sensatos transportavam a sua própria água.

Cog distribuiu fatias de carne de porco fria e todos comeram. Em seguida, Seft deitou-se de costas e contemplou os frondosos ramos da árvore, apreciando o sossego.

Pouco depois, Cog anunciou que tinham de prosseguir viagem. Seft virou-se para agarrar no seu cesto e hesitou, fitando-o. Os sílex dos filões subterrâneos eram de um preto brilhante e profundo, com uma crosta branca e macia. Quando batidos com uma pedra, separavam-se em lascas e, dessa maneira, era possível dar-lhes forma. Os sílex no cesto de Seft tinham sido parcialmente acabados pelo seu pai, batidos até terem o formato certo para serem transformados em instrumentos de corte, ou cabeças de machado, ou raspadores, ou furadores, ou outras ferramentas. Nesse formato, eram um pouco mais leves para transportar. Também valiam mais para um britador de sílex experiente, que poderia trabalhá-los para lhes dar a forma final.

Parecia haver mais no cesto de Seft do que quando partira nessa manhã. Seria da sua imaginação? Não, tinha a certeza. Olhou para os irmãos.

Olf exibia um sorrisinho e Cam estava a conter o riso.

Seft deu-se conta do que tinha acontecido. Enquanto caminhavam, os outros tinham tirado sílex dos próprios cestos e, de maneira sub-reptícia, tinham-nos acrescentado aos dele. Veio-lhe então à mente as ocasiões em que tinham aparecido por trás dele para fazer piadas grosseiras sobre o seu romance. Isso distraía-o do verdadeiro objetivo deles.

Não era de admirar, portanto, que a caminhada matinal o tivesse cansado. Apontou para eles.

— Vocês... — disse-lhes, zangado.

Os irmãos irromperam em gargalhadas. Cog também se riu; era por demais evidente que tinha conhecimento da partida.

— Seus porcos miseráveis — disse Seft, aborrecido.

— Foi só uma brincadeira! — respondeu-lhe Cam.

— Que engraçado... — Seft virou-se para o pai. — Porque é que não os impediste?

— Não quero queixas — disse-lhe o pai. — Faz-te um homem.

— Agora vais ter de os carregar o resto do caminho, porque te deixaste enganar — disse Olf.

— Achas mesmo que sim? — Seft ajoelhou-se e despejou sílex do cesto para o chão, até voltar a ficar com a sua carga original.

— Não vou apanhar nada disso — replicou Olf.

— Nem eu — concordou Cam.

Seft levantou o seu cesto, agora mais leve, e pô-lo às costas. Então começou a andar. Ouviu Olf dizer:

— Volta já aqui.

Seft ignorou-o.

— Vou apanhar-te.

Seft virou-se e continuou a andar às arrecuas. Olf avançou na sua direção.

Há um ano, Seft teria cedido e obedecido a Olf. Mas desde então ficara maior e mais forte. Ainda tinha medo de Olf, mas já não se entregava a esse medo. Levou a mão atrás, por cima do ombro, e retirou um sílex do cesto.

— Queres mais uma pedra para carregar?

Olf rugiu de raiva e desatou a correr.

Seft atirou o sílex. Tinha os braços fortes de um jovem que passa o dia a cavar, pelo que o lançou com força.

A pedra atingiu Olf na perna, logo acima do joelho. Este soltou um grito de dor, avançou dois passos a coxear e deixou-se cair no chão.

— A próxima acertar-te na cabeça, seu boi castrado — avisou-o Seft. Então virou-se para o pai e disse: — Isto é ser homem suficiente para ti?

— Chega de disparates — retorquiu Cog. — Olf e Cam, peguem na vossa carga e comecem a andar.

Cam respondeu-lhe:

— E as pedras que o Seft deixou no chão?

— Apanha-as, meu grande idiota.

Olf pôs-se de pé, meio cambaleante. Era óbvio que não havia danos graves, a não ser ao seu orgulho. Ele e Cam recolheram os sílices e guardaram-nos nos respetivos cestos. Em seguida, foram atrás de Seft e Cog. Olf estava a coxear.

Cam alcançou Seft.

— Não devias ter feito aquilo — disse-lhe.

— Foi só uma brincadeira — respondeu Seft.

Cam deixou-se ficar para trás.

Seft continuou em frente. O seu coração estava a bater muito depressa: tivera medo. Mas saíra-se bem... por enquanto.

Nos dias que se seguiram ao Ritual da Primavera, tinha tomado a decisão de que deixaria a sua família à primeira oportunidade. Mas ainda não tinha

percebido como poderia ganhar a vida sozinho. A mineração era um trabalho de equipa, nunca um trabalho a solo. Precisava de planear o seu futuro. Seria demasiado humilhante ter de voltar para a família, desanimado e faminto, e implorar-lhes que o deixassem retomar a posição anterior.

A sua única certeza era o facto de querer que Neen fizesse parte desse seu plano.

*

Um elevado talude rodeava o Monumento. A entrada era uma abertura no círculo virada para nordeste. A alguma distância ficava o conjunto de casas que pertenciam às sacerdotisas. Hoje ninguém entrava no Monumento. O Ritual do Solstício de Verão realizar-se-ia no dia seguinte.

As pessoas visitavam o Monumento por ocasião das cerimónias dos quartos de ano, mas esse ajuntamento de tanta gente de perto e de longe era uma oportunidade, pelo que muitas vezes traziam coisas para trocar. Algumas dessas pessoas estavam agora a dispor as suas mercadorias. Sabiam que não podiam entrar no círculo sagrado. Preferiam a zona perto da entrada e mantinham-se afastados das habitações das sacerdotisas.

Havia um burburinho de conversa e uma excitação no ar, quando Seft e a sua família se aproximaram do lugar. Pessoas chegavam vindas de todas as direções. Um grupo reunia-se todos os anos numa aldeia no cimo de uma colina, a cerca de quatro dias de distância a pé na direção nordeste, e depois seguia um carreiro bastante usado, que se dizia ser um caminho antigo, com novos caminhantes juntando-se-lhes à medida que iam passando de aldeia em aldeia, até chegarem ao Monumento, numa longa coluna de pessoas e gado.

Cog deteve-se ao lado de um casal chamado Ev e Fee, que fabricava cordas com videiras de madressilva. Os mineiros esvaziaram os seus cestos e Cog começou a construir uma pilha com os sílices.

Então a sua tarefa foi interrompida por outro mineiro, Wun, um homem pequeno com olhos amarelados. Seft já o tinha visto antes, várias vezes. Era uma pessoa gregária, amigo de toda a gente, e adorava conversar, sobretudo com os outros mineiros. Estava sempre ao corrente de tudo o que se passava. Seft achava-o um bisbilhoteiro.

Wun cumprimentou Cog, usando o informal aperto de mão da esquerda com a direita. O aperto da direita com a direita era formal, indicando mais

respeito do que amizade. O aperto de mão afetuoso era da direita com a esquerda e da esquerda com a direita em simultâneo.

Cog estava taciturno como de costume, mas Wun pareceu não reparar.

— Estou a ver que vieram os quatro — disse. — Não está ninguém a guardar o vosso poço?

Cog olhou-o com um ar desconfiado.

— Quem tentar apoderar-se dele vai acabar com a cabeça rachada.

— É assim mesmo — replicou Wun, fingindo apoiar a beligerância de Cog. Enquanto isso, olhava com atenção para a pilha de sílices parcialmente acabados, avaliando a sua qualidade. — A propósito — disse —, há aqui um negociante com uma grande coleção de hastes. Maravilhosas.

As hastes do veado-vermelho, quase tão duras como pedra e com pontas afiadas, eram algumas das mais importantes ferramentas dos mineiros, sendo usadas como instrumentos de escavação.

— Devíamos ir ver isso — sugeriu Olf a Cam.

Estavam todos a olhar para Wun e ninguém estava a prestar atenção a Seft. Vendo aí a sua oportunidade, escapuliu-se de maneira discreta, desaparecendo rapidamente na multidão.

Havia um carreiro a direito que ia do Monumento à aldeia vizinha da Curva do Rio. De ambos os lados desse caminho de terra batida via-se gado a pastar. Seft não gostava de vacas. Incomodava-o não saber o que estavam a pensar quando olhavam para ele.

Além disso, invejava as gentes do gado. A única coisa que faziam era passar o dia sentados a vigiar os animais. Não tinham de martelar um filão de sílex durante um dia inteiro, partindo a pedra dura e transportando-a pelo poste acima até à superfície. O gado, as ovelhas e os porcos reproduziam-se sem precisar de grande intervenção e os criadores ficavam cada vez mais ricos.

Quando chegou à Curva do Rio, contemplou as casas, que lhe pareciam idênticas. Todas tinham uma vedação baixa de caniçada — vimes entrelaçados e revestidos de lama — e um telhado feito de turfa espalhada sobre barrotes. A entrada eram dois postes com um lintel amarrado às partes superiores. No verão, toda a gente cozinhava no exterior, mas no inverno havia lume permanentemente aceso no interior da casa. Era costume pendurar-se carne sob os barrotes, para que ficasse fumada. Agora, uma cancela de vime com metade da altura da entrada deixava entrar o ar fresco, mas impedia o acesso dos cães vadios e de todas as pequenas criaturas

que por ali andavam durante a noite à procura de alimento. No inverno, a entrada podia ser completamente fechada com um tapume mais substancial feito à medida.

Havia muitos porcos a vaguear pela aldeia e terras circundantes, de focinho no chão à procura de tudo o que fosse comestível.

Cerca de metade das casas encontrava-se vazia. Destinavam-se aos visitantes, que vinham quatro vezes por ano. As gentes do gado cuidavam dos seus visitantes, que traziam grande riqueza ao virem negociar.

Os rituais realizavam-se no equinócio de outono, chamado meio outono, no solstício de inverno, na meia primavera e, como era o caso agora, no solstício de verão, que teria lugar no dia seguinte. Uma das principais funções das sacerdotisas era manter um registo dos dias do ano, para poderem anunciar que, por exemplo, o meio outono ocorreria daí a seis dias.

Seft abordou uma criadora de gado e perguntou-lhe o caminho para a casa de Neen. A maior parte das pessoas conhecia-a, pois a mãe dela era uma pessoa importante, uma anciã, por isso ele recebeu as indicações e depressa deu com a casa. Estava limpa, arrumada e vazia. «Vivem aqui quatro pessoas», pensou, «e estão todas fora de casa!» Com certeza tinham muito trabalho relacionado com o ritual.

Impaciente, começou a procurar Neen. Deambulou à volta das casas, procurando o rosto redondo e sorridente dela e o seu exuberante cabelo escuro. Deu-se conta de que muitos visitantes já se tinham mudado para as casas desocupadas; pessoas solteiras e famílias com crianças, algumas exibindo a típica curiosidade de olhos arregalados dos visitantes perante um lugar desconhecido.

Perguntava-se, algo ansioso, como é que Neen o iria receber. Decorreria um quarto de ano desde aquela noite que tinham passado juntos a conversar. Nessa altura, ela fora muito calorosa com ele, mas entretanto as coisas podiam ter arrefecido. Ela era tão atraente e simpática que decerto havia muitos outros homens interessados nela. «Não há nada de especial em mim», pensou ele. Além de que era dois verões mais novo do que Neen. Ela não parecera importar-se com isso, mas ele sentira que ela era deveras elegante.

Chegou à margem do rio, que estava sempre cheia de gente, com pessoas a recolher água fresca a montante, e a lavar-se e às vestes a jusante. Não viu Neen, mas ficou aliviado ao encontrar a irmã dela, que tinha conhecido no último Ritual da Primavera. Era uma rapariga confiante, com uma farta cabeleira encaracolada e um queixo assertivo. Parecia-lhe ter cerca de treze

verões, mas na verdade iria fazer catorze no dia seguinte. As gentes da Grande Planície contavam a idade em verões, pelo que todos seriam um ano mais velhos no dia do solstício de verão.

Como se chamava ela? Então ocorreu-lhe: Joia.

Ela e duas amigas pareciam estar a lavar sapatos no rio. Os sapatos delas eram como os de toda a gente, tiras de couro cortadas à medida e perfuradas com orifícios para os cordões, feitos de tendões de vaca e bem apertados para que os sapatos se ajustassem aos pés.

— Lembras-te de mim? — perguntou-lhe, acercando-se dela. — Sou o Seft.

— Claro que lembro. — Ela cumprimentou-o com formalidade. — Que o Deus Sol te sorria.

— E a ti também. Porque é que estás a lavar os sapatos?

Ela riu-se.

— Porque não queremos ter pés malcheirosos.

Seft nunca tinha pensado nisso. Nunca lavava os seus sapatos. E se Neen sentisse o odor dos seus pés? De imediato se sentiu envergonhado. Decidiu lavar os sapatos à primeira oportunidade.

As duas amigas de Joia sussurraram e riram-se, como às vezes as raparigas faziam, só porque sim. Joia olhou para elas, suspirou com irritação e disse em voz alta:

— Imagino que tenhas vindo à procura da minha irmã, a Neen.

— Claro.

As expressões nos rostos das duas amigas pareciam dizer: *Com que então é isso.*

— A tua casa está vazia — continuou Seft. — Sabes onde está a Neen?

— Está a ajudar no festim. Queres que te mostre o caminho?

Era simpático da parte dela, pensou ele, oferecer-se para deixar as amigas e ir ajudá-lo.

— Sim, por favor.

Pegando nos sapatos molhados, ela despediu-se das amigas com jovialidade.

— O festim é preparado pelo Chack, a Melly e todos os parentes deles, filhos e filhas, primos e primas, e não sei mais o quê — explicou ela, num tom conversador. — É uma grande família, o que é bom, pois é um grande festim. Há um espaço amplo no centro da aldeia e é aí que o fazem.

Enquanto caminhavam lado a lado, ocorreu a Seft que talvez Joia lhe pudesse dizer o que Neen sentia por ele.

— Posso perguntar-te uma coisa? — arriscou.

— Claro.

Ele parou e ela fez o mesmo. Ele baixou a voz:

— Diz-me com toda a honestidade: achas que a Neen gosta de mim?

Joia tinha uns bonitos olhos castanho-claros que agora o fitavam com uma expressão sincera.

— Creio que sim, embora não te saiba dizer quanto.

Tratava-se de uma resposta pouco satisfatória.

— Bem, ela alguma vez falou sobre mim?

Joia assentiu com a cabeça, pensativa.

— Oh, acho que mencionou o teu nome, mais do que uma vez.

«Está a ser cautelosa para não revelar demasiado», pensou Seft, com frustração. Ainda assim, insistiu:

— Quero muito conhecê-la melhor. Acho que é... nem sei como a descrever. Encantadora.

— Devias dizer-lhe essas palavras a ela, não a mim. — Joia esboçou um sorriso, para amenizar o seu tom de reprimenda.

Ele insistiu um pouco mais:

— Mas achas que vai gostar de as ouvir?

— Acho que vai gostar de te ver, mas, mais do que isso, não posso dizer. Ela falará por si própria.

Seft era dois verões mais velho do que Joia, mas não conseguia convencê-la a confiar nele. Ela tinha uma personalidade forte, percebeu. Então desabafou, sentindo-se meio perdido:

— Só não sei se a Neen sente o mesmo que eu...

— Pergunta-lhe e logo saberás — replicou Joia, e Seft percebeu-lhe um tom de impaciência na voz. — O que é que tens a perder?

— Só mais uma pergunta — disse ele. — Há mais alguém de quem ela goste?

— Bem...

— Isso quer dizer que sim.

— Ele gosta dela, isso é certo. Agora se ela gosta dele, já não te sei dizer. — Joia inspirou fundo. — Estás a sentir este cheiro?

— Carne assada. — Ele ficou com água na boca.

— Segue o teu nariz e encontrarás a Neen.

— Obrigado pelo teu simpático conselho.

— Boa sorte. — Ela deu meia-volta e afastou-se.

Ele continuou em frente. As duas irmãs eram diferentes, refletiu. Joia era cheia de vida e autoritária; Neen era sábia e bondosa. Ambas eram atraentes, mas ele amava Neen.

O cheiro a carne tornou-se mais intenso e ele alcançou o espaço amplo onde vários bois estavam a ser assados em espetos. O festim só se realizaria na noite do dia seguinte, mas ele calculava que demorasse bastante tempo a cozinhar algo tão grande. Com certeza que os animais mais pequenos, como as ovelhas e os porcos, seriam assados no dia seguinte.

Cerca de vinte pessoas, homens, mulheres e crianças, andavam de um lado para o outro, cuidando das fogueiras e rodando os espetos. Ao fim de pouco tempo, Seft avistou Neen, sentada de pernas cruzadas no chão, de cabeça baixa e concentrada numa tarefa qualquer.

Parecia-lhe diferente da memória que tinha dela, mas ainda mais bonita. Estava bronzeada do sol de verão e o seu cabelo escuro agora exibia uns fios mais claros. Franzia o sobrolho enquanto trabalhava e essa sua expressão era impossivelmente encantadora.

Estava a usar um raspador de sílex para limpar o interior de uma pele, com toda a certeza a pele de um dos animais que estavam agora a ser cozinhados. Veio à mente de Seft que a mãe dela era curtidora de peles. A intensidade da sua concentração fascinou-o e quase o levou às lágrimas.

Ainda assim, iria interrompê-la.

Atravessou o espaço amplo, a sua tensão aumentando a cada passo. «Porque é que estou preocupado?», perguntou-se. «Deveria estar feliz. E estou feliz. Mas também aterrorizado.»

Deteve-se diante dela, sorrindo. Ela demorou uns instantes a desviar o olhar da pele. Então levantou a cabeça e viu-o, e no seu rosto despontou um sorriso tão bonito que o coração dele pareceu parar.

Instantes depois, ela disse:

— És tu.

— Sim — replicou ele, num tom jovial. — Sou eu.

Ela pousou o raspador e a pele, e pôs-se de pé.

— Acabo isto mais tarde — anunciou. Pegando no braço de Seft e afastando um porco do caminho com um pontapé, disse: — Vamos para um sítio mais calmo.

Caminharam em direção a oeste, para longe do rio. O terreno começava a subir, como era habitual perto dos rios. Ele queria falar com ela, mas não sabia como começar. Depois de pensar um pouco, disse:

— Estou muito contente por te ver outra vez.

Ela sorriu.

— Sinto o mesmo.

«É um bom começo», pensou ele.

Chegaram a uma estranha construção, uns anéis concêntricos feitos com troncos de árvores. Era obviamente um lugar sagrado. Caminharam à volta do círculo.

— As pessoas vêm aqui só para estar em silêncio e refletir — explicou-lhe Neen. — Ou para conversar, como nós. E os anciãos reúnem-se aqui.

— Lembro-me de teres dito que a tua mãe era uma anciã.

— Sim. Ela é muito boa a resolver disputas. Consegue fazer com que as pessoas se acalmem e pensem de uma maneira lógica.

— A minha mãe também era assim. Às vezes, conseguia que o meu pai se comportasse de uma maneira razoável.

— Disseste-me que ela morreu quando tinhas dez verões.

— Sim, gerou um bebé quando já tinha mais idade e depois ela e o bebé morreram.

— Deves sentir imenso a sua falta.

— Nem imaginas. Antes de ela morrer, o meu pai nunca se dava connosco, os seus três filhos. Talvez tivesse medo de pegar num bebé. Nunca nos tocou, nunca sequer falou connosco. Depois, quando a minha mãe morreu, de repente teve de cuidar de nós. Acho que odiava tomar conta de crianças e odiava-nos por o termos obrigado a fazê-lo.

— Isso é muito mau — respondeu Neen, calmamente.

— E continua a não nos tocar... a não ser para nos castigar.

— Ele bate-te?

— Sim. E aos meus irmãos também.

— A tua mãe não tinha nenhum familiar que vos pudesse proteger?

Essa era uma grande parte do problema, Seft sabia-o. Os pais, irmãos e primos de uma mulher deveriam cuidar dos filhos desta em caso de morte. Mas a sua mãe não tinha familiares vivos.

— Não — respondeu —, a minha mãe não tinha familiares.

— Porque é que não deixas o teu pai?

— Um dia, em breve, hei de fazê-lo. Mas tenho de descobrir como ganhar a vida sozinho. Um poço demora muito tempo a ser escavado e morreria de fome antes de conseguir extrair sílex para negociar.

— Porque é que não recolhes sílex de ribeiros e campos?

— Esses são tipos diferentes de sílex. Esses nódulos têm defeitos escondidos que fazem com que se partam com facilidade, quer enquanto estão a ser moldados, quer quando estão a ser utilizados como ferramentas. Nós extraímos-os diretamente do solo e esses não se partem. Podem ser usados para fazer as grandes cabeças de machado de que as pessoas precisam para cortar árvores.

— Como é que se faz isso? Escavar um poço?

Seft sentou-se e Neen imitou-o. Deu umas palmadinhas no chão de erva ao seu lado.

— A terra aqui não é muito profunda. Quando escavamos, rapidamente chegamos a uma pedra branca chamada cré. Cavamos o cré com escavadores feitos das hastes do veado-vermelho.

— Parece ser um trabalho duro.

— Tudo o que tem que ver com sílex é duro. Espalhamos argila nas palmas das mãos para não ficarem com bolhas. Depois, escavamos o cré, o que pode demorar várias semanas, e às vezes chegamos a uma camada de rocha siliciosa.

— E outras vezes não?

— Não.

— Então trabalharam para nada.

— E temos de recomeçar noutro sítio e escavar um novo poço.

— Nunca sequer pensei em como as pessoas fariam para encontrar sílex.

Seft podia ter-lhe contado mais, mas não queria falar sobre mineração. Em vez disso, perguntou-lhe:

— E o teu pai, como era? — Ela já lhe tinha dito que o pai tinha morrido.

— Era adorável... bonito e generoso e inteligente. Mas não era cauteloso e foi esmagado por uma vaca desvairada.

— As vacas são perigosas? — Seft não disse a Neen que tinha medo delas.

— Podem ser perigosas, sobretudo quando têm crias. É melhor ter muito cuidado perto delas. Mas o meu pai não era do género cuidadoso.

Seft não sabia o que responder.

— Fiquei destroçada. Chorei durante uma semana — disse Neen.

— Que triste — arriscou Seft.

Neen fez que sim com a cabeça e ele sentiu que tinha dito a coisa certa.

— Ainda estou triste por causa disso — continuou ela. — Mesmo ao fim de tanto tempo.

— E o resto da tua família?

— Devias conhecê-los — sugeriu-lhe Neen. — Queres vir para casa comigo?

— Gostaria muito.

Deixaram o local sagrado e atravessaram a aldeia. Seft tinha aceitado o convite com entusiasmo, pois era sinal de que Neen gostava realmente dele, mas estava preocupado se iria causar boa impressão à família dela. Eram sofisticados habitantes da aldeia — lavavam os sapatos! Ele levava uma vida de labuta, com muito pouco contacto com pessoas. A sua família nunca tinha ficado muito tempo no mesmo sítio: construíam uma casa perto do poço onde estivessem a trabalhar e deixavam-na quando partiam para outro lugar. Agora teria de falar com a mãe de Neen, claramente uma pessoa distinta. Por sua vez, ela iria avaliá-lo como possível pai dos seus netos. O que havia de lhe dizer?

No exterior da casa da família de Neen, um tacho assente sobre as brasas de uma fogueira emanava um aroma a carne de vaca e ervas aromáticas. A mulher que mexia o tacho era uma versão mais velha de Neen, com vincos à volta dos olhos e fios prateados no cabelo preto. Esboçou um sorriso de boas-vindas a Seft que era exatamente igual ao de Neen, só que com mais rugas.

— Mãe, este é o meu amigo Seft. É um mineiro de sílex — disse Neen.

— Que o Deus Sol te sorria — cumprimentou-a Seft.

— E a ti também — retorquiu ela. — Chamo-me Ani.

— E este é o meu irmão mais novo, o Han — disse Neen.

Seft viu um rapaz de cabelos claros, com cerca de oito ou nove verões, sentado no chão ao lado de um cãozinho adormecido.

— E sorria a ti também — disse-lhe Seft, empregando a saudação abreviada.

— E a ti — respondeu educadamente Han.

Havia mais duas crianças. Uma menina encontrava-se sentada ao lado de Han, a acariciar o cãozinho.

— E esta é a amiga do Han, a Pia — disse Neen.

Seft não sabia o que dizer a uma menina pequena, mas enquanto pensava nisso, ela dirigiu-se-lhe, revelando-se muito dotada para a sua idade.

— Os meus familiares são agricultores — explicou. — Moro no Lugar do Cultivo. Vim para o ritual. — Fez uma pausa e depois disse, em jeito de confidência: — O meu pai não me deixa brincar com os filhos das gentes do gado, mas ele não está cá hoje. — Era mais pequena do que o seu

companheiro de brincadeira, Han, mas a sua autoconfiança fazia-a parecer mais velha. Então acrescentou: — Estou a tomar conta do meu primo Stam. Ele tem quase quatro verões.

Stam parecia amuado e não disse nada.

Interessada, Ani perguntou-lhe:

— Diz-me lá, Pia, porque é que este ano o teu pai não veio ao ritual? Costuma vir.

— Teve de ficar em casa. Todos os homens ficaram.

— Porque será... — comentou Ani, com um ar intrigado.

Era evidente que via nisso um significado qualquer que escapava a Seft.

Foi distraído dessa linha de pensamento por Han, que o fitava com um misto de admiração e curiosidade, e lhe perguntou:

— Qualquer pessoa pode ser mineiro de sílex?

— Nem por isso — respondeu Seft. — Normalmente é um trabalho levado a cabo por famílias. Os mais novos são ensinados pelos pais. Há muito para aprender.

Han pareceu ficar desiludido.

— Isso quer dizer que vou ter de ser criador de gado.

Han não parecia muito entusiasmado com a ideia. Com certeza queria sair dali e conhecer o resto do mundo, imaginava Seft. Essa vontade depressa lhe passaria.

— Como é que se chama o teu cão? — indagou Seft.

— Ela ainda não tem nome.

— Acho que devia chamar-se *Bonita* — sugeriu Pia.

— Belo nome — comentou Seft.

Sem acordar, a cadelinha soltou um sonoro peido. Han deu uma gargalhada e Pia riu-se.

— Ela não gosta do nome *Bonita* — disse Ani, com um sorriso. — Senta-te, Seft. Fica à vontade.

Seft e Neen sentaram-se no chão. Seft achava que aquilo estava a correr bastante bem. Tinha conversado com a mãe de Neen e com o seu irmão mais novo, e ainda não tinha feito má figura. Sentia que simpatizavam com ele. Ele também simpatizava com eles.

Então apareceu a irmã mais nova de Neen, Joia, com os sapatos na mão.

— Sempre encontraste a Neen — disse ela a Seft. Foi pousar os sapatos junto à fogueira, para que secassem.

— Sim... obrigado pela tua ajuda.

— Gostas de ser mineiro?

Era uma pergunta direta e Seft decidiu dar-lhe uma resposta igualmente direta.

— Não. E não gosto de trabalhar para o meu pai. Tenciono partir assim que descobrir como ganhar a vida sozinho.

— Que interessante, Seft — disse Ani. — O que podes fazer em vez de trabalhares nas minas?

— O problema é esse... não sei. Sou um bom carpinteiro, por isso talvez faça pás redondas, martelos ou arcos. Achas que os poderia trocar por alimentos?

— Com certeza — replicou Ani —, sobretudo se forem melhores do que aqueles que as pessoas fazem para uso próprio.

— Oh, seriam, sim — retorquiu Seft.

— És muito confiante — disse Joia.

Ela era uma pessoa desafiadora, observou Seft. Mas também sabia ser amável. Era possível uma pessoa ser as duas coisas. Num tom pensativo, respondeu-lhe:

— Não é importante sabermos aquilo para que temos, ou não temos, jeito?

— E tu não tens jeito para quê, Seft? — perguntou-lhe Joia, em jeito de provocação.

— Essa é uma pergunta injusta! — protestou Neen.

— Não tenho jeito para fazer conversa — admitiu Seft. — No poço, mal dizemos três palavras uns aos outros durante todo o dia.

— Mas falas muito bem — respondeu-lhe Neen. — Não liguês à minha irmã mais nova... é má.

— A comida está pronta — anunciou Ani, evitando uma discussão entre irmãs. — Joia, vai buscar malgas e colheres.

Enquanto comiam, a luz do dia foi diminuindo. O ar tornou-se agradavelmente ameno e o céu assumiu a suave tonalidade acinzentada do crepúsculo. A noite iria ser quente.

A comida estava deliciosa. A carne fora cozinhada com raízes silvestres. Seft sentiu o sabor a tanchagem-de-prata, a bardana e a castanha-da-terra. Isso tinha amolecido e absorvido o sabor da carne de vaca.

Seft refletiu sobre o contraste entre essa família e a sua. Na família de Neen, tratavam-se uns aos outros de maneira agradável. Não havia hosti-

lidade nenhuma. Joia era combativa, mas nada de mais. Ele tinha a certeza de que nunca batiam uns aos outros.

Perguntou-se o que aconteceria quando caísse a noite. Seria obrigado a regressar para junto do pai e dos irmãos? Ou ser-lhe-ia permitido dormir aqui... quem sabe ao lado de Neen? Esperava que, de alguma maneira, ele e Neen passassem a noite juntos.

Quando acabaram de comer, Ani mandou Neen ir lavar as malgas e as colheres ao rio, e, como seria de esperar, Seft acompanhou-a. Enquanto mergulhavam a louça na água, Neen disse:

— Acho que *Bonita* seria um bom nome para uma cadelinha.

— Nunca tive um cão. Mas em menino desejava muito ter um e queria chamar-lhe *Trovão* — respondeu-lhe Seft.

Neen riu-se.

— Ela é demasiado amorosa para se chamar *Trovoada*.

— O Han pode dizer que é por causa dos peidos que dá.

Neen soltou uma risada.

— Isso é perfeito! Ele acha que os peidos são muito engraçados... está nessa idade.

— Eu sei. Já tive essa idade. Lembro-me bem.

No caminho de regresso, Seft ouviu uma voz masculina atrás deles.

— Olá, Neen. — O tom era afetuoso. Ele virou-se e viu um homem alto, com cerca de vinte verões.

Neen virou-se para trás e sorriu. Relutante, Seft sentiu-se na obrigação de parar também. Então Neen disse:

— Olá, Enwood. Preparado para o ritual?

— Sim, eu depois vou à tua procura. — Isso irritou Seft. Quem era esse Enwood, a prometer ir à procura de Neen? Enwood continuou: — Tenciono chegar cedo, para ter uma boa vista. Devias fazer o mesmo.

Enwood estava a tentar marcar um encontro. Neen replicou:

— Se acordar a tempo. — Não era nem concordância, nem recusa. Não obstante, Seft ficou incomodado com o tom de intimidade que percebeu na voz de ambos.

Seguiu-se um instante de silêncio e depois Neen disse:

— O Seft tem estado a ajudar-me a lavar a louça.

Enwood lançou um olhar frio na direção de Seft.

— Que bom — replicou. — Até amanhã. — Então afastou-se.

Seft ficou incomodado com essa interação.

— Quem era aquele? — perguntou, assim que recomeçaram a andar.
— Oh, só um amigo.

Seft desconfiava de que Enwood fosse o homem a que Joia se tinha referido quando lhe dissera: «Ele gosta dela, isso é certo. Agora se ela gosta dele, já não te sei dizer.»

— É bonito — comentou.

— Não tão bonito como tu.

Seft foi apanhado de surpresa. Não se achava bonito. Mas, na verdade, não percebia nada disso. Quase não se preocupava com essas coisas. Não se lembrava da última vez que tinha contemplado o seu reflexo num lago.

Agora estava escuro e o céu repleto de estrelas. Seft tinha a sensação de que Enwood estragara o seu momento de intimidade com Neen. Disse:

— Bem, e o que fazemos agora? — A pergunta saiu-lhe num tom mais abrupto do que tencionara.

Ela pareceu não se dar conta.

— O que é que gostarias de fazer?

A resposta surgiu-lhe de imediato:

— Não está frio. Gostava de me sentar contigo debaixo das estrelas, só nós dois. Pode ser?

— Sim — replicou ela.

Ele esboçou um sorriso. «Já está tudo bem outra vez», pensou.

Chegaram à casa. Han encontrava-se no interior, a prender a cadela antes de se ir deitar. Pia e Stam tinham voltado para a família deles. Joia já estava a dormir. Ani estava a descalçar-se.

— Esta noite vamos dormir na rua — disse Neen à mãe.

— Espero que o tempo não arrefeça — respondeu-lhe Ani.

— Nós ficamos bem.

— Tenho a certeza de que sim.

Neen pegou no braço de Seft e afastaram-se.

— Para onde vamos? — quis saber Seft.

— Conheço um sítio.

Dirigiram-se para o rio, depois viraram ao longo da margem até deixarem as casas para trás. Chegaram a um bosque abrigado, cheio de árvores frondosas, e Neen perguntou-lhe:

— Que tal aqui?

— Perfeito.

Sentaram-se perto de uma moita.

— A tua vida é perfeita — comentou Seft. — Toda a tua família gosta de ti. Tens bastante comida. Os criadores de gado têm tantos animais que é impossível contá-los. Vocês vivem como deuses.

— Tens razão — replicou Neen. — O Deus Sol sorri-nos. — Então deitou-se de costas.

Parecia tratar-se de um convite. Seft inclinou-se sobre ela e beijou-a.

Não tinha muita experiência e apenas uma noção algo vaga do que era esperado de si, mas ela orientou-o. Segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o nos lábios, na face e no pescoço, ao mesmo tempo que lhe acariciava o cabelo. Era a coisa mais deleitosa que alguma vez tinha acontecido a Seft.

Ansioso para tocar no corpo dela, pousou-lhe a mão no joelho e subiu lentamente pela perna.

Já vira mulheres nuas, geralmente quando estavam a tomar banho no rio. Não se importavam que as vissem, mas era considerado falta de educação olhá-las fixamente. De qualquer maneira, tinha uma boa ideia do aspeto delas sem as túnicas. No entanto, nunca tinha tocado numa mulher nua. Agora estava a fazê-lo pela primeira vez.

— Devagar — disse-lhe Neen. — Acaricia-a com gestos lentos.

Ela beijou-o enquanto ele lhe tocava e, ao fim de algum tempo, reparou que ela estava a arfar.

— Não aguento mais — acabou ela por dizer.

Virou-o de maneira a ele ficar deitado de costas, levantou-lhe a túnica e pôs-se em cima dele. Quando desceu sobre ele, Seft exclamou:

— Oh! É tão bom!

— Sim, com a pessoa certa — respondeu ela; e, depois disso, nenhum deles disse nada coerente durante algum tempo.

*

Ainda estava escuro quando Seft acordou. Não se ouvia o canto dos pássaros — era muito cedo —, mas ouvia o som do rio ali perto. Sentiu Neen ao seu lado, o corpo macio e quente dela encostado ao seu, com uma perna e um braço por cima dele. Ele sentia frio, mas não se importava. Abraçou-a.

Ela mexeu-se e abriu os olhos. Ao vê-lo, acariciou-lhe a face.

— A minha irmã diz que fazes lembrar a Deusa Lua — murmurou.

Ele sorriu.

— Qual é o aspeto da Deusa Lua?

— Pálida e bela, com uma boca feita para o amor. — Ela beijou-lhe os lábios.

— Quer dizer que agora somos um casal — disse ele.

Ela sentou-se.

— Como assim?

— Que vamos viver juntos e criar os nossos filhos.

— Espera lá... — disse ela, com uma pequena risada.

Ele franziu o sobrolho, perplexo.

— Mas depois da noite passada...

— A noite passada foi maravilhosa e eu adoro-te — replicou ela.

— E quero repeti-la esta noite. Mas não vamos apressar o nosso futuro.

Ele não estava a compreender.

— Mas podes estar grávida!

— O mais certo é não estar, depois de uma única noite. Seja como for, isso está nas mãos da Deusa Lua, que manda em tudo o que tenha que ver com as mulheres. Se ela quiser que tenhamos filhos, que assim seja.

— Mas... — Ele estava estupefacto. — Isto tem alguma coisa que ver com o Enwood?

Ela pôs-se de pé.

— Escuta... Estás a ouvir o mesmo que eu?

Ele calou-se e então chegou-lhe o som distante de pessoas a caminhar e a conversar.

— Estão todos a acordar — respondeu Neen. — E a dirigirem-se para o Monumento.

Seft estava confuso, mas não sabia o que dizer, nem como fazer com que ela revelasse o mistério. Seguiu-a em direção ao rio, onde beberam água fresca e se lavaram rapidamente. Em seguida, regressaram à aldeia e juntaram-se à multidão que caminhava no sentido oeste. Todos conversavam animadamente, ansiosos pelo grande acontecimento.

A casa de Neen estava vazia: a sua família já tinha saído. Ela entrou e quando saiu trazia dois pedaços de carne de borrego cozinhada, já fria. Estendeu um a Seft e comeram pelo caminho.

Seft consolou-se com a ideia de que ela dissera que passariam mais uma noite juntos. Isso significava que os sentimentos dela em relação a si eram sérios. E talvez conversassem mais um pouco sobre tornarem-se um casal, e ele pudesse compreender melhor o pensar dela.

Uma vez fora da aldeia, todos seguiram pelo caminho a direito no sentido sudoeste. O gado afastava-se de má vontade do caminho, à passagem da multidão que ultrapassava os limites do carreiro de terra batida. As pessoas conversavam baixinho e caminhavam com passos leves, como se receassem acordar um qualquer deus adormecido; não obstante, o ruído coletivo fazia lembrar o som de uma queda-d'água sobre penhascos.

O caminho conduzia diretamente à entrada do Monumento. Havia pessoas sentadas no interior e viradas para a entrada, para o sítio de onde tinham vindo, a direção do sol nascente nessa altura do ano. Uma sacerdotisa expulsava os porcos que deambulavam por ali.

O círculo começava a encher-se. Na multidão, Seft e Neen não conseguiam vislumbrar Ani, Joia e Han. Neen sugeriu que fossem até à extremidade e se sentassem no cimo do talude, de onde poderiam assistir a tudo.

O círculo media cerca de cem passos de largura. Na zona interior do talude havia um anel de pedras verticais, espaçadas mais ou menos de maneira uniforme, cada uma pouco mais alta do que um homem alto. Eram demasiadas para Seft as conseguir contar. As superfícies não tinham sido moldadas nem alisadas. A pedra em si possuía uma tonalidade azulada e Neen explicou a Seft que se chamavam pedras azuis.

No centro via-se um círculo feito de madeira e esse era completamente diferente. Seft olhou com mais atenção e conseguiu distinguir um grande anel de troncos de árvore, mais alto do que as pedras azuis. As estruturas de madeira verticais estavam unidas na parte superior por meio de lintéis, ou madeiras transversais, formando um círculo contínuo e perfeitamente nivelado. Ao contrário das pedras azuis, essas estruturas de madeira tinham sido cortadas nas dimensões exatas e as suas superfícies tinham sido polidas. A costela de carpinteiro de Seft admirou esse trabalho, mas tinha algumas dúvidas no que dizia respeito à sua resistência. Se uma vaca desvairada embatesse num daqueles troncos de árvore, quanto do círculo se desmoronaria? Com certeza que toda a gente tinha o cuidado de manter as vacas afastadas desse lugar sagrado.

No interior desse círculo, Seft vislumbrou um segundo anel mais pequeno, uma oval composta por pares independentes, cada par com uma madeira transversal mas isolado dos restantes. Esses tinham sido feitos com o mesmo cuidado, mas eram mais altos.

De imediato, o instinto disse-lhe que os anéis de madeira eram os mais importantes. Comparativamente, o anel de pedra exterior parecia algo

desorganizado e descuidado. Seft perguntou-se se seria mais antigo e se teria sido erguido por gentes menos habilidosas.

A multidão estava agora surpreendentemente silenciosa, desfrutando da sacralidade do lugar. Seft sentia um ambiente de expectativa tensa. Já ali tinha estado e vira as sacerdotisas realizarem o Ritual da Primavera, mas esta era claramente uma ocasião mais importante e a multidão era muito maior. O solstício de verão era o fim do ano velho e o início do novo. Toda a gente era hoje um verão mais velho.

As pessoas sabiam que tudo o que as mantinha vivas provinha do sol, pelo que o veneravam.

A maior parte da multidão era composta por criadores de gado — na verdade, a maioria da população da Grande Planície era composta por criadores de gado. Mas havia alguns agricultores, que trabalhavam o solo fértil dos vales dos rios e podiam ser identificados pelas suas tatuagens. As mulheres costumavam ter tatuagens nos pulsos e os homens tatuagens no pescoço. No entanto, ele não via nenhum agricultor do sexo masculino e veio-lhe à mente a conversa de Ani com Pia na noite anterior, e a maneira como Ani parecera ficar preocupada com a ausência dos homens agricultores.

Também ausentes estavam os habitantes do bosque, mas esses Seft sabia porquê. Tinham partido na sua peregrinação anual, atrás dos veados rumo às Colinas Noroeste, onde havia erva fresca de verão.

As pessoas continuavam a chegar quando a aurora despontou no céu a oriente. Não havia nuvens e, conforme a luz prateada ia ganhando intensidade, parecia abençoar as cabeças da multidão.

Por fim, apareceram as sacerdotisas, cerca de trinta, a dançarem aos pares e vestidas com túnicas de couro iguais às de toda a gente, mas mais compridas, dando-lhes pelos tornozelos. Estavam descalças.

Uma delas trazia um tambor, um tronco oco no qual batia ritmicamente com um pau, fazendo um som surpreendentemente alto e claro.

Todas faziam os mesmos movimentos, balançando-se para o lado e para trás, fazendo lembrar a vegetação alta soprada pelo vento. Seft estava fascinado. Nunca vira pessoas a dançar daquela maneira, movendo-se em simultâneo qual cardume de peixes.

E cantavam ao mesmo tempo que dançavam. A de cabelos brancos, possivelmente a sumo-sacerdotisa, entoava um verso que parecia uma pergunta e as outras respondiam em uníssono. Entravam e saíam do círculo exterior, serpenteando por entre as estruturas, entrelaçando-se como juncos nas mãos

de um cesteiro. Pareciam dirigir-se aos postes de madeira de maneira individual, como se cada uma delas tivesse um significado diferente. Seft tinha a sensação de que estavam a contar enquanto entoavam, mas as palavras que usavam não lhe eram familiares.

Não era uma dança sensual. Quer dizer, não propriamente sensual. Mulheres a balançarem-se de um lado para o outro eram sempre sensuais aos olhos de Seft, mas naquela dança em concreto esse não era o objetivo.

O círculo exterior composto por pedras azuis, que se encontrava no interior do talude, não fazia parte do ritual, que decorria em torno dos dois anéis de madeira: o círculo e, dentro deste, a oval incompleta. As sacerdotisas andavam à volta do círculo, depois faziam o mesmo à volta da oval, cuja parte que faltava ficava defronte da entrada — mais uma vez, virada a nordeste. Era aí que a dança terminava: na abertura.

As sacerdotisas sentaram-se no chão, ainda numa longa fila de pares. Entoaram mais alto à medida que a metade superior do sol se ergueu no horizonte. Seft estava quase diretamente alinhado com o nascer do sol, pelo que viu o corpo celeste surgir exatamente entre dois postes de madeira do círculo. Era por demais evidente que o Monumento fora cuidadosamente concebido dessa maneira. Os postes e a trave formavam uma moldura, e Seft deu-se conta, com um sentimento de profunda admiração, que essa era a arcada através da qual o Deus Sol vinha ao mundo.

A multidão ficou ainda mais silenciosa e as sacerdotisas entoaram mais alto, enquanto o disco vermelho ascendia aos céus. Embora o sol nascesse todos os dias, nesse momento a sua manifestação parecia ser um acontecimento especial, com a multidão a contemplá-lo num transe sagrado.

O sol já quase nascera. O cântico das sacerdotisas soou ainda mais alto. O rebordo inferior da curva do sol pareceu demorar-se abaixo do horizonte, como se relutante em desapegar-se desse contacto. Então, por fim, soltou-se e um fragmento de luz surgiu entre ele e a terra. O cântico atingiu o seu auge, depois cântico e tambor cessaram abruptamente. A multidão irrompeu num rugido triunfante, tão alto que com certeza fora ouvido nos confins do mundo.

Depois, acabou. As sacerdotisas, duas a duas, transpuseram a abertura no talude e desapareceram no interior das suas casas. As pessoas começaram a levantar-se, esticando as pernas e conversando umas com as outras, enquanto a tensão se dissipava.

Seft e Neen deixaram-se ficar sentados na erva. Ele olhou para ela.

— Sinto-me... meio tonto — disse.

Ela fez que sim com a cabeça.

— É normal, sobretudo na primeira vez.

Ele olhou para as pessoas que saíam pela abertura.

— É melhor voltar para junto da minha família... mas vamos voltar a ver-nos, não vamos?

Ela sorriu.

— Espero que sim.

— Onde podemos encontrar-nos?

— Gostarias de fazer a refeição do fim do dia com a minha família?

— Outra vez? Tens a certeza de que a tua mãe não se importará?

— Claro que não. As gentes do gado gostam de partilhar. Torna as refeições mais divertidas.

— Nesse caso, aceito. A refeição de ontem foi maravilhosa. Quer dizer, a comida estava deliciosa, mas aquilo de que gostei mais foi... — Ele hesitou, sem saber muito bem como exprimir o que tinha sentido. — Gostei de vocês sentirem amor uns pelos outros.

— Isso é normal nas famílias.

Ele abanou a cabeça.

— Não em todas.

— Lamento. Escapa-te novamente para junto de nós esta noite.

— Obrigado.

Então puseram-se de pé. Seft disse, num tom relutante:

— É melhor apressar-me.

— Vai-te lá embora, então.

Ele deu meia-volta e afastou-se com passos largos.

Não sabia se havia de se regozijar ou não. Fizera amor com a rapariga que adorava e fora maravilhoso — mas depois ela dissera-lhe que não tinha a certeza se queria passar a vida com ele. Pior, ao que parecia, ele tinha um rival, um homem alto e confiante de seu nome Enwood, que era mais velho do que Neen, ao passo que Seft era mais novo.

Amanhã teria de regressar a casa com a sua família, pelo que só a tornaria a ver no meio outono. Enwood teria um quarto de ano para a cortejar sem nenhum rival por perto.

Mas, nessa noite, Neen estaria com Seft e não com Enwood. Seft tinha mais uma oportunidade para o transformar em algo permanente.

No exterior do Monumento já havia uma multidão de gente a regatear, oferecendo as suas mercadorias em troca das coisas de que necessitavam,

discutindo os valores relativos de machados de sílex, lâminas de sílex, martelos de pedra, tachos, peles, cordas, touros, carneiros, arcos e flechas.

Ele encontrou a sua família. Ficou à espera de que Olf e Cam fizessem troça dele a propósito de onde teria passado a noite, com insinuações obscenas e tentando transformar o seu caso amoroso em algo sórdido. Todavia, continuaram sentados lado a lado no chão, a olhar para ele como se estivessem à espera de que algo acontecesse.

Era um pouco sinistro.

O seu pai estava virado de costas, a conversar com Ev e Fee, os cordoeiros, e Seft esperou que a conversa chegasse ao fim.

Decorridos uns instantes, Cog virou-se e perguntou-lhe:

— Onde é que estiveste ontem à noite?

— O trabalho ficou feito antes de me ir embora, não ficou? — indagou Seft.

— Por acaso, sim, mas podia ter precisado de ti.

— Ainda bem que não precisaste.

— Seja como for, preocupa-me deixar o nosso poço sem ninguém. Não confio naquele Wun.

Seft percebeu que aquilo iria correr mal para o seu lado.

— O que achas que o Wun pode fazer? Se está cá.

— Mas tem uma família grande e o mais certo é alguns terem ficado lá.

— E o que vão eles fazer... roubar-nos as pás?

— Não faças piadas, senão levas uma cacetada nessa cabeça oca.

Dito isso, Cam soltou uma gargalhada, como se fosse a coisa mais engraçada que alguma vez tinha ouvido.

— Só pergunto qual será o perigo... — retorquiu Seft.

— O perigo é que alguns dos homens do Wun passem três dias a extrair sílex de um poço que nem sequer tiveram de escavar porque nós já fizemos esse trabalho por eles. — Então apontou um dedo para Seft. — Nem te ocorreu essa possibilidade, pois não, meu espertalhão?

— Tens razão... — Seft achava pouco provável que isso acontecesse, mas de nada servia discutir com Cog.

— Por isso é que vais voltar para lá, para guardares o poço — anunciou o pai, num tom triunfante.

— Quando?

— Hoje. Agora. E podes aproveitar para limpar tudo antes do meu regresso. O chão do poço está imundo.

Seft deu um passo atrás, fez uma pausa e replicou:

— Não.

— Não te atrevas a responder-me que não, rapaz.

— Conheci uma rapariga e...

Cam e Olf desataram a fazer troça dele.

— Esta noite vou a casa dela e a mãe vai fazer-nos a refeição do fim do dia.

Não posso faltar.

— Ah, podes, sim.

— Manda o Olf. Ele não tem nenhuma rapariga, nem aqui nem em parte nenhuma. E é melhor ser ele a expulsar o grupo do Wun do nosso poço.

— Estou a mandar-te a ti.

— Porquê?

— Porque sou o chefe desta família e quem toma as decisões.

— E recusas-te a reconsiderar, mesmo quando tomas uma decisão parva.

O pai deu-lhe um murro na cara.

Os punhos de Cog eram duros e os seus murros magoavam a sério. Seft cambaleou para trás, levando a mão ao rosto. O murro atingira-o de lado no olho esquerdo. Ficou com a visão turva.

Olf e Cam urraram e bateram palmas.

Seft estava em choque. Embora aquilo já tivesse acontecido antes, ficava sempre surpreendido com a crueldade do seu próprio pai.

O pai puxou novamente o braço atrás, mas, dessa vez, Seft estava preparado e esquivou-se do soco. Sentiu-se encorajado: o seu pai não era onnipotente. Seft ripostou rapidamente, num gesto desenfreado, e conseguiu acertar com um murro no nariz de Cog.

Era a primeira vez que batia no pai.

O nariz de Cog começou a jorrar sangue. Indignado, este rugiu:

— Como te atreves a bater-me, rapaz? — Então avançou para ele. Dessa vez, Seft não conseguiu desviar-se do murro, que o atingiu de lado na cabeça e o atirou ao chão.

Durante uns instantes, ficou meio atordoado. Quando voltou a si, reparou que estava deitado ao lado de um pequeno monte de sílex. E deu-se vagamente conta de uma pequena multidão que assistia à briga.

Levantou-se do chão e pegou numa pedra para se defender.

— Vais bater-me com uma pedra, meu cão desobediente? — disse Cog, lançando-se novamente a Seft.

Seft ergueu a mão direita que segurava o sílex. Porém, o golpe foi travado antes de ser desferido. O pulso de Seft foi agarrado por trás com força e ele

largou a pedra. Então o seu pulso foi largado e os dois braços agarrados, imobilizando-o. Percebeu que Olf o tinha agarrado. Debateu-se, mas de nada servia: Olf era demasiado grande e demasiado forte.

Enquanto ele se contorcia, impotente, Cog tornou a esmurrá-lo, com força; primeiro no rosto, depois no estômago e novamente no rosto. Ele gritou e suplicou ao pai que parasse. Cog aproximou o rosto dele, exibindo um sorriso de esquelha que revelava prazer nesse ato de selvajaria.

— Vais voltar para o poço? — perguntou-lhe Cog.

— Sim, sim, farei tudo o que quiseres!

Olf largou-o e ele caiu no chão.

Seft ouviu Ev, o cordoeiro, dizer ao seu pai:

— Vais meter-te em sarilhos.

Cog continuava furioso.

— Eu? Em sarilhos? — replicou, com agressividade. — Com quem? Contigo?

Ev não se deixou intimidar.

— Com pessoas muito mais importantes do que eu.

Cog resfolegou, num gesto de desprezo.

Seft sentia dor no corpo todo e estava a chorar. Conseguiu pôr-se de gatas e afastar-se um pouco. As pessoas estavam a fitá-lo, o que só o fazia sentir-se ainda pior.

Tentou pôr-se de pé. Um desconhecido ajudou-o e ele conseguiu manter-se direito.

Então afastou-se a cambalear.